



Parte 1<sup>a</sup>

# IMAGEM DA VIDA

(1<sup>a</sup>) (A)-45<sup>2</sup>CHRISTAM (A)-45-2

Ordenada per dialogos como  
membros de sua  
composição.

O primeiro he da verdadeira philosophia

O segundo da Religião.

O terceiro da Iustica.

O quarto da Tribulação.

O quinto da vida solitaria.

O sexto da lembrança da Morte.

Compostos per F. Heçtor Pinto  
frade Jeronymo. E per elle acrese-  
tados nesta segunda impressam.

Impressos em Coimbra per Ioão Barceita  
à custa de Antonio Coruete mercador  
de liuros. Anno de 1565.

Com priuilegio del Rey.



1570  
IMAGEM  
DA VIDA  
CHRISTAM

Ordenada per dialogos com  
membros de sua  
composição.

- Primeiro he da verdadeira vida
- Segundo da Religião
- Terceiro da Justiça
- Quarto da Indulgencia
- Quinto da virtuosidade
- Sexto da temeraria da morte

Composto per R. Hector Pinto  
Machadoonymo e per elle rector  
daes escolas de S. Paulo

Impressos em Coimbra a pedido de  
a casa de Antonio Conde meador  
de lino anno de 1662.  
Com privilegio do Rey.

**F**el Rey faço saber  
aos que este alvaravirem, q̃  
auêdo respeyto ao q̃ na pe-  
tição a tras escripta. Diz F.  
Hector Pinto, frade da ordem de S. Iero-  
nymo. Ey por bê, & me praz que pessoa  
algũa de qualquer qualidade que seja, não  
põssa imprimir, nê mandar imprimir em  
meus reinos & senhorios, nê fora delles, o  
liuro chamado *Imagẽ da vida Christã.*  
que diz que fez, & mandou imprimir:  
da maneyra q̃ na dita petiçã declara nê  
o possa trazer de fora dos ditos reynos & se-  
nhorios, nê vender nelles sem sua licença  
& cõsentimento, & isto por tempo de seis  
annos somente, que comẽçarão da feytu-  
ra deste, sob pena de cincoenta cruzados, a  
metade pera os catiuos, & a outra metade

ij      pera

pera quem os accusar, & de perder pera o  
dito frey Hector todos os liuros que assi  
imprimir ou mandar imprimir, ou trou-  
xer de fora, ou vender em meus reynos &  
senhorios. E mando a todas minhas ju-  
sticias, officiaes & pessoas a que o conheci-  
mento disto pertencer, que cumprão, &  
guardem & fação inteiramente cumprir  
& guardar este aluara como se nelle con-  
tem. O qual ey por bem que valha & te-  
nha força & vigor, omo se for carta feyta  
em meu nome per mĩ assinada, & passa-  
da per minha chancelaria: posto que este  
não seja passado pola dita chancelaria, sem  
embargo das ordenações do segũdo liuro  
q̃o cõtrayro despõe. Ioão de Seixas o fez.  
Em Lisboa, aos vj. de Nouebro de 1564.

*O. Cardeal Iffante.*

# PROLOGO

do author, dirigido ao illustris-  
simo & muyto excellente se-  
nhor Dom Theodosio,  
duque de Bragança.

& c.



Oião os antigos imagi-  
narios, quãdo acabauão  
de fazer suas estatuas, a-  
tes que de todo laissena  
com ellas a luz, & as des-  
sem por acabadas, exa-  
minalas curiosamente: & se lhe achauão  
tal viueza, proporção, & perspectiua, que  
nem seu artificio tiuesse mais que pintar,  
nem seu desejo mais que pedir, punhanas  
em lugares, em q̄ todas as podessem ver  
miudamente, & cõtemplar a perfeycão  
de suas feyções. Mas se em algũa dellas

ijj

acha

achauão taes erros & defeitos, que logo se  
conhecessem, dos q̄ a olhassem de perto  
punhana nũa alta & fermosa coluna, pa  
que os que de longe a vissem, lhos nao  
enxergassem, âtes a tiuessem por perfeyta  
sõmente pola perfeçãõ da coluna. Assi  
eu depoyz que tiue feyta esta obra como  
statua & imagem da viuã Christam, re-  
partida em dialogos como em membros  
d'hũa figura, vilhe tantas imperfeyções,  
que senti que me compria, buscarlhe hũa  
coluna muy alta & excellente, a que a de-  
dicasse, E lançando a hũa & a outra par-  
te os olhos do entendimento, não achey  
outra mais illustre que vossa senhoria, a  
quem a deuesse intitular & dirigir, pera q̄  
sômête cõ isto os q̄ a vissem, a estimassem.  
Mas p̄ outra parte vendo q̄ não cõuinha  
apparecer ante tão excellente principe  
senam obras de primor, & grande lustro,  
& de tanto preço, que o não tiuessem,  
pondo os olhos na bayxeza desta minha  
feyta, não per aquelles insinhes artifices  
Phidias

Phidias & Policleto, q̃ antre os antigos  
pretenderam abalifar-se na arte de archi-  
tectura, mas per hum mal destro & pouco  
pohdo imaginario, & laurada pela fraca  
mão de meu bayxo ingenho, estiuue per  
vezes cuidando o que faria. E depoy de  
baralhado em diuersos pensamētos, con-  
firando a humanidade de vossa senhoria  
& a fama de sua grande virtude, igoal &  
corespondente ao real tronco dō de pro-  
cede, teue esta confiração tãta força, que  
ma deu pera conuertet meu temor em  
ousadia, forjãdo a na fragoa do desejo de  
o seruir. Aqui cabia bem tomar eu nas  
mãos louuores de vossa illustrissima S.  
poy hai câpo larguissimo, pa me per elle  
poder nelles esprayar, mas eu não o farey,  
porque sey, quanto mays elle quer me-  
recelos, que ouuilos: couisa natural d'altos  
animos, ter a honra em muyto, & o pre-  
gão della em pouco. Sómente tocarey,  
põtque não posso deyxar de o fazer, a ju-  
sticia & paz, em que vossa senhoria tem



suas terras, que he em tão alto grao de  
perfeção, & passa tanto além das balizas  
de meu ingenho, que não podião deyxar  
de ficar baixos quaesquer lououres, q̃ lhe  
eu nisto quisesse dar. Poys a grande affey-  
ção & inclinação, que tem ás letras, & a  
vontadecõ que as fauorece, & deseja de  
aumentar, quem ahi que o não veja mais  
claro com seus olhos, do que o eu posso di-  
zer com minhas palauras, poys está cõsti-  
tuindo a sua Villa Viçosa em vniuersal  
academia, & fazêdo della outra Athenas  
onde concorrão de muytas partes deste  
reyno, asicomo a Athenas concorrião  
douttras partes de Grecia, como a feyra  
frãca de todas as boas artes & doutrinas.  
Este he hũ grande louuor de V. S. hũ ma-  
rauilhoso resplendor de seu nome, q̃ nũ-  
ca será escurecido com treuas de esqueci-  
mẽto, & hũ gloria, que ainda depoy de  
sua morte terá vida, em quanto a tiuer a  
memoria dos mortaes. Quãto mays que  
ainda que á virtude faltasse o louuor hu-  
mano

mano, não ahi mór theatro q̃ a consciencia, & além do eterno premio, q̃ lhe no ceo está reseruado, por ser feyta por amor de Christo nosso verdadeyro Deos, ainda nesta vida traz ella consigo gloria & iuaue cõtentamento. Isto he o q̃ dizia aquelle diuino Paulo vaso de eleyção, na segūda aos Corinthios: Esta he a nossa gloria o testimonho de nossa consciencia. Donde veo a dizer S. Ambrosio, que assi como o maio he pena de si, assi o bom he gloria de si mesmo: porque assi como os peccados sam ratos de polé, & como diz nosso padre S. Ieronymo, quãtos sam os vicios, tantos sam os tormētos d' alma, assi as virtudes sam gostos do espirito, & quãtas ellas sam, tantos sam elles. Mas como a virtude lance de si hũ singular resplãdor, não pode deyxar de ser louuada. E caso que os enuejosos a queirão apagar, todauia não podẽ effectuar seu desejo, ãtes ficão semelhãtes ás infelices berboletas, q̃ querẽdo apagar o claro lume da cãdea, ellas mes

2. Cori. 1.

Ambros.

Hieron.

Compa.

ração.

mas se queymão, & ficando a vela accesa  
com sua claridade, pagão ellas com sua  
morte a temeridade de sua vida, sem a  
poderem tirar á clara luz. Esta claridade  
resplandece em V. S. em estimar summa-  
mente a sciencia, & a paz, ea impossivel  
he fauorecer hũa desfauorecendo a ou-  
tra. E por isso não he de espantar ser. V. S.  
amigo das letras, poylo he do alioflego  
do reyno, que onde elle reyna,ahi tem  
ellas seu assento. E esta he a causa dauer  
agora tantos & tão excellentes letrados  
nesta terra, darhe Deos principes que os  
fauorecessem, & amassem a paz. Assim como  
quando as ondas dos grandes rios vão te-  
sas & furiosas, se recolhem os peyxes a al-  
gũ remanso, & quando os ventos sam af-  
peros & tempestuosos, fogẽ as aues pera o  
abrigado, assi andando reuelto o mundo  
em guerras & tumultos, fugirão as artes  
& boas letras de suas brauas ondas &  
crucys tempestades, & vierão se todas re-  
colher no quieto remanso, & pacifico  
abri

Compa-  
ração.

abrigo deste reyno, onde vindo ellas cã-  
ladas, & como mortas, cobrarão alento  
& receberão sangue & vida, & forão hon-  
radas, & fauorecidas, & collocadas no cu-  
me de sua dignidade. E ainda que a paz  
não tiuera outro bem, senão ser couto &  
habitação das musas, este era assaz: quan-  
to mays que he ella hũa cisterna de todas  
as virtudes, & faltando ella todas faltão,  
& a terra que carecer della, onde em lu-  
gar d'amor & concordia reinar odio & dis-  
sensam, não poderá permanecer. Que-  
rendo o Propheta Esaias declarar, que os Esai. 19.  
Assyrios êtrarião no Egypto, & o destrui-  
rião, & regarião seus campos com o san-  
gue da barbara gente, dá por certo final  
da destruyção dos Egypcios, que antre el-  
les mesmos se perderia a paz, & se alienã-  
raria guerra, & o amor se conuerteria em  
desamor. E Oseas diz: Poys seu coração  
he diuiso, agora perecerão. Isto he o que Ose. 10.  
diz Chão nollo Redemptor no Euãgelho:  
Todo o reino em si diuiso será destruido Luc. 11.  
&

## DA RELIGIAM.

beés passados. E por isso me parecea mi  
 que permitio Deos que os filhos de Israél  
 indo desterrados de Ierusalem, captiuos  
 dos Babylonios, leuassẽ comsigo os in-  
 strumentos musicos pera lembrança de  
 suas passadas alegrias. Conta o Propheta  
 nũ Psalmo, que indo elles assi captiuos se  
 assentarão ao longo dos rios de Babylo-  
 nia, que sam o Tigres & o Euphrates, e-  
 stillando suas dores em tanta lagrymas,  
 que parece que querião fazer dellas ou-  
 tros rios: & que alli dependurarão os in-  
 strumẽtos nos amargosos salgueiros, sem  
 quererem cantar, nem tanger, nem ino-  
 strar sinal algũ de alegria. Em todo aq̃lle  
 Psalmo senão conta que elles leuassẽ  
 de sua terra senão aquelles instrumẽtos,  
 que certo parece cousa marauilhosa, por  
 que pera que os leuauão, senão auião de  
 vsar delles? Mas parece que o permitio  
 Deos assi, pera que vendo elles diante de  
 seus olhos, as violas, arpas, laüdes, & os  
 outros instrumentos de musica, com que  
em

Psal. 136.

em outro tempo em sua terra se deleyta-  
uão, se lembrassem pera mór magoa sua  
das musicas de Ierusalem, dos serões &  
contentamentos, festas & alegrias, q̄ por  
seus peccados perderã: porque a foydo sa  
memoria do prazer dos beês passados lhe  
acrescêtaffe a magoa da tristeza dos ma-  
les presentes Assi amim pera mayor ma-  
goa da inquietação que tenho, se me ap-  
resenta ante os olhos a quietação, q̄ ti-  
ue, cuja foydade me faz muytas vezes des-  
fazer os olhos em lagrymas, coufa em q̄  
ella faz experiencia de sua dor. E esta he  
a causa da canseyra de meu espirito, per-  
que me perguntays. Mas prazera a Deos  
que cedo estes meus trabalhos terão fim,  
& irey gozar da suavidade do mosteyro,  
& da doce quietação da cella, tornando  
em amizade com meus amigos antigos,  
quero dizer com os liuros, que não sey,  
como sou viuo sem elles. Porque assi co-  
mo a pomba não achaua descanso fora  
da arca de Noë, assi o religioso não sente  
repou

Genes. 8.

## DA RELIGIAM.

repouso fora do mosteyro. O ramo da oliueyra, com que a pomba hia contente leuando no bico, he a esperanza da certa & propinqua tranquillidade, na qual posta hua alma fica clara, ainda que antes estiuesse escura. Que isto tem a quietaçam a placar o espirito, & a aclarar o entendimento. Assi como agoa d'hũ tanque, se a mouerdes, & reuoluerdes, fica turua & escura, mas acabado todo o mouimẽto, estando ella em paz, & sem se bolir, fica clara & limpa, assi alma distrahi da & perturbada estã escura & çuja, mas quietãdofe & repoufando, vayse aclarãdo, até que de todo fica limpa. E assi como estãdo agoa turua & bazcolejada nã vos vedes nella, mas como estã quieta, vos representa logo vofla imagẽ, assi o desaffofego & perturbação na alma faz com q̃ vos não vejays nella, mas sua quietação & repouso faz cõ q̃ vos esteys nella conhecendo, & vendo quem sois. De maneyra que a tranquillidade do spirito he como

hũ

Compa-  
ração.

hum espelho, que vos está pondo ante os olhos vossa própria imagem. E creio eu q̄ nã hay lugar, onde se ella melhor alcance & conserue, que no recolhimento do mosteiro & da cella. Folgo, disse o peregrino, de vos ouir isso, porque eu tinha pera mĩ, que nos mosteyros auia grãdes trabalhos. Si ha, tornou o religioso, mas como elles sam sofridos por amor de Christo trazem consigo suaves contentamentos. E quãto os trabalhos sam maiores, tanto mays fazem aluãtar o espirito a Deos. Assim como arca de Noë, de que agora falaua, não sómente se não perdeo nas agoas do diluuió, antes quanto ellas mays cresciã, tãto ella hia mays sobindo, & chegando se pera o ceo, assi quanto mays & maiores sam os trabalhos & espirituales exercicios da religiã, tãto mays se vay o animo aluãtado & appropinquando a Deos. O pé d'ũa parreyra á vista pareceruos ha seco & aspero, & se o apalpardes com a mão, achalo eys inda muyto mays aspero: mas se

Compara-  
ção.



## DA RELIGIAM.

seolhardes bem, vereys na latáda muitas  
folhas verdes, brádas, & graciosas, & muy  
suave & excellente fructo: assi a vida da  
religiã cá de fora parece aspera, & se a ex-  
perimentardes, achalaeys muyto mays  
aspera, mas as folhas da doce cõuersação  
monastica, & o marauilhofo fructo dali  
ção, oração, meditação, contemplação,  
obseruancia, & repoufo solitario, excede  
rãtos as balifas de todos os humanos cõ-  
tentamentos, que o entendimento dos  
homês do mundo fica muyto áquẽ de o  
poder alcançar. Mas assicomo o péda  
parreyra, senão dá fructo, não aprouey-  
ta pera nada, auendo muytas aruores, q̃  
caso que não dem fructo, aproueytão pa  
muyto, como sam bordos, pinheyros, ce-  
dros, & souereyros, que seruẽ de madeyra  
pera naos, & edificios, & outras cousas,  
assi o religioso, que acerta de ser ocioso,  
& distraydo, & regido per sua propria võ-  
tade, não aproueyta pera nada, auendo  
muytos leygos, que ainda que estem com

as mãos pegadas e seus próprios appetites,  
& tenham dado vassalagem & obediencia  
ao mundo, aproueytão pera defender a  
terra aos inimigos, & pera officios mechani-  
cos, & pera outras cousas. O religioso que  
acertar de ser deste to que, terá por aspe-  
ros os trabalhos da religião: mas os boões  
religiosos tem nos por suaues, porque o  
amor de Christo nos trabalhos acha def-  
canso, & no meio dos tormentos refrige-  
rio. Este he hũ dos bẽs, que tem a virtude,  
trazer cõsigo contentamento. Não que-  
ria mór vingança d'hũ maõ, que poder  
lhe mostrar quanto perde em perder a  
Deos: onde cuyda que acha cõtentamẽ-  
to, a hi o perde: porque o vicio traz com-  
sigo dor, & não fica delle mais que o arre-  
pendimento por despojo. Seneca diz que Seneca.  
não ha mór pena pera os peccadores que  
auer peccado. E pelo contrayro não ha  
mór gosto pera o bom que se lo. E á ver-  
dade elle diz muyta verdade, porque assi  
como he grande tristeza pa hũ peccador

I lem

## DA RELIGIAM.

Sapien. 5.

lembralhe que peccou, assi he grande alegria pera hũ justo ver que fez o que deuia. No liuro da Sapiencia dizem assi os maos. Cansados estamos da via da maldade & perdição, andamos per caminhos fragosos & difficultosos. Não habi que debater senam que os maos viuem com grandes descontentamentos, por que suas proprias consciencias os accusam, & atormentam. E pelo contrayro de si & dos boõs, dizia sam Paulo escreuendo aos Corinthios: Esta he a nossa gloria o testemunho de nossa consciencia. Esta gloria & gosto espiritual he hũ excelente mantimento dos boõs religiosos, & hũ pasto marauilhoso, em que sua alma se deleyta. Mas isto nam acabam de entender os filhos da vaydade, que empégados & engolfados no mundo buscam sõmente os contentamentos do corpo, sem fazer caso dos do espirito. Nam he muyto, disse o peregrino, nam sentem muytos dos leygos esse s gostos espirituaes

rituaes, poys hahi algũs religiosos, que  
 de os nam sentirem, se tornam outra vez  
 ao mundo, onde calam as virtudes dos  
 religiosos, & sómente falam em seus de-  
 feytos, se lhe algũs viram fazer, cousa cõ  
 que além de offenderem a Deos, deshon-  
 ram a si, & escandalizam os que os ou-  
 nem. Os olhos deffestaes, disse o religio-  
 so, sam alambres, que nam colhem das Compa-  
racam  
 vidas alheas senão as palhas. E nam he  
 muyto, porque natural he aos maos ter  
 hum parecer pera julgar, cõ que emen-  
 dam o alheo, & outro pera fazer, com  
 que nam sentemo seu.

## CAPIT. II.

¶ Em que o religioso estranha aos que se  
 saem da ordem dizer mal della, &  
 declara que cousa he reli-  
 gião, & donde se deriua.

I ij

NA

## DA RELIGIAM.



A religião ha muitas & muy grandes uirtudes, que effes, que se saẽ della, não querẽ seguir, nem contar. Nem attentão senão pera algũas venialidades feytas a furto da razão, sem as quaes a vida humana senão passa. Estas contã acrescentandolhe muyto mais, & fazêdo das palhas traues, pera escusarem sua apostasia: & elles quanto mays se desculpão, tãto mays se condenão. Mas não he nouo no mundo os maos praguejar dos boõs. A incontínete ama do casto Ioseph, notouho de incontínecia Os soberbos Hebreos condênauão ao humilde Moyses de soberba. O desfregido Absalão repretia ao bom Rey Dauid de mau regimẽto. O maluado Rabfaces viuendo d'enganos accusaua ao defenganado Rey Ezechias de enganador. Mas melhor he por ser bom fer murmurado dos maos, que por ser mau ser odioso aos boõs. Os sanctos Apostolos, & os gloriosos Martyres de

Genes 39.

Num. 16.

3. Reg. 35.

4. Reg. 18.

de Christo erão chamados feyriceyros & peruerfos. E per este caminho passou sam Ieronymo, S. Ioão Chrysoftomo & os outros fanctos, q̃ forão dos maos falsamete murmurados, & injustamete pleguidos. Nẽ he de espãtar poys a Ch̃r noffo Deos chamarã enganador, Samaritano, feyriceyro. O seruo nã he mayor q̃ o Señor: & pois murmurará do Senhor, quãto mays dos seruos. Diz Salamão nos Prouerbios que os que vão pelo caminho direyto, & leuão a Deos por guia, sam desprezados dos que caminhão pela via da infamia. Pera que he mays senão q̃ blasfemarão os maos de noffo Saluador & verdadeyro Deos. Achou de quem murmurar a malicia humana na bondade diuina pondo nomes de culpas ás virtudes, affeando os bees com cores de males. A lingua d'hu praguento he pincel do demonio, & como diz o Psalmista. Sepulchro aberto he a sua garganta: com suas lingoas vsam de enganos, veneno de aspides bichas peço-

Prouer. 14

Compara-  
ção.

Psalm. 58

elle he da republica: nem se ha de ter por  
 senhor mas por escrauo & seruo publi-  
 co. E como diz Pittaco hũ dos sete sabios, Pittaco.  
 ha de ser subjeito á razãõ dos seus, & liure  
 á sem razãõ dos alheos. Diz o Petrarcha Petrarcha.  
 que o bom Rey o dia que começa a rey-  
 nar, acaba de viuer a si, & começa a viuer  
 pera os outros. E se faz o contrayro, de-  
 strue totalmente a republica, porque, co-  
 mo diz Xenophonte, todas as que se per- Xenophõ.  
 derãõ, foy por causa dos gouernadores. E  
 per aqui vereys quam graue peccado he  
 eleger á scinte homẽs indignos, por affei-  
 çãõ ou particular interesse. Sãcto Antho- Anthoni.  
 nino na terceyra parte affirma q̃ peccãõ  
 mortalmente, poys indo cõtra a charidã-  
 detrazem notauel damno á igreja, á qual  
 ninguẽ mais empece que o mao prelado.  
 Dizia o Papa Pio segundo como o refere Pio. 2.  
Platina.  
 Platina, que os homẽs se hãõ de dar ás di-  
 gnidades, & nã as dignidades aos homẽs,  
 Hũa das virtudes de que foy louuado o  
 grande Constantino foy, que aos homẽs

## DA IVSTIÇA.

bayxos, a q̄ quis bẽ, antes q̄ fosse Empera-  
 dor, depoyz d'alcãçado o imperio lhe fez  
 merce de dinheiro, mas não de officios da  
 republica, saluo aos que pera isso tinhão  
 habilidade & merecimento, como o cõ-  
 ta na sua vida Pomponio Leto: porq̄ di-  
 zia elle, q̄ os carregos pubricos & magi-  
 strados não se auião de dar por affeyçam  
 mas por razão. Esta he ordẽ per onde tu-  
 do vay sem ella, prouere as pessoas de offi-  
 cios & não os officios de pessoas. Daqui  
 vem os descõcertos & desbarates dos su-  
 bditos, porq̄ assi como sendo a fonte solo-  
 bre, não podem ser doces os ribeyros, assi  
 sendo corrupto o prelado, sam tambem  
 os subditos corruptos. Mas o bõ prelado  
 ha de olhar o officio, que tem, & consirar,  
 que quanto está mays alto, tanto está em  
 mayor perigo. Declarando sam Gregorio  
 aquellas palauras de Christo nosso Salua-  
 dor em S. Ioão: (Accipite spiritum factũ:)  
 diz assi: Grãde he a hõra da prelazia, mas  
 he graue o seu peso. Couisa dura he q̄ seja  
juyz

Leto.

Compa-  
raçam.

Gregor.

Ioan vlt.



juyz da vida alhea, quem não sabe gouernar a sua propria. Quem não he pera ser arraz do pequeno barco de sua vida, como sera piloto da grãde nao da republica? cõ que coração oufa tomar na mão o leme da gouernança de todos, quem não atina a gouernar a si? Se hũ Anjo custodio sendo espirito tão purificado & excelente, se contenta com ter hũa só pessoa debayxo de sua guarda, qual he o homẽ, que deseja & pretende ter muytas, sendo fraco, & imperfeyto, & finalmete sendo homẽ. E mays poys ha de dar conta das ouelhas a elle cometidas. Falando Deos cõ o prelado aos iij. capitulos do Propheeta Ezechiel diz: Senão falares & declarares a teu subdito, que se tire de seus vicios, elle morrerá em seu peccado, mas tu me darás cõta do seu sangue, eu tomarey vingança de ti. Palauras sam estas pera meterem espanto, & fazerẽ desfazer a roda, & tornar sobre si, & meter debayxo dos pés todas as fantesias. Em Deos dizer q̃ o

Ezech. 3.

R iij pre

## DA IVSTIÇA.

prelado lhe pagará a morte do subdito, dá a entender que o mau exemplo dos prelados he causa da perdição dos subditos. Donde veo a dizer S. Augustinho q̃ o prelado, que viue mal, he homicida. E pera não ser tal, ha de ter sciencia cõpente, & fazer inteyra justiça, & dar exemplo de vida & sanctidade. Isto quis a escriptura diuina significar no terceyro liuro dos Reys, quando diz que mandou Salomão fazer no templo certas basas de colunas, em que estauão esculpidos cherubins, & liões, & bois. As basas sam os principes & prelados, que hão de ter sobre si, todo o peso do edificio. Donde vierão os Gregos a chamar ao Rey Basileus, q̃ quer dizer basa do pouo, como hũ assento, sobre que está todo o peso & trabalho da republica. E daqui se colhe que quanto cada hũ está mays aleuantado per dignidades, tanto he mays opprimido com o peso do trabalho. Pelos cherubins que como muytos dizẽ, querẽ dizer cõprimẽto

de

August.

3. Reg. 7.

de sciencia a qual interpretação segue S. Gregorio, significou Salamão q̄ os principes & prelados em especial os ecclesiasticos hão de ter sciencia & conhecimento da diuina escriptura. Pelos liões se entende a seueridade da justiça, & o esforço, & alto animo. E pelos boys os rralhos nas obras & exercicio de virtudes. Todas estas coufas estauão nas basas do templo, que sam os principes & prelados comparados, como diz Chrysoftomo, ás basas & fundamentos do edificio, porque afficomo ainda que caya & se perca hũa pedra da parede, facilmente se repira, mas perdendose o fundamento perde se todo o edificio, & leuado o alicece, cae a machina, assi o erro d'hũ subdito facilmente se emenda, mas perdendose os principes & prelados, & sendo leuados de seus vicios & desbarates, fica tão arruynada a repubrica, que pera seu mal ter remedio tem a esperança perdida, & pa ver sua destruição sobejão lhe esperanças, se se podê chamar

Gregori

Chrysoft.  
Comparaçã.

R v espe

## DA IVSTIÇA.

esperanças os temores de seus males & de  
 fauenturas. Verdade he, que poys a misericordia de Deos he immensa, não se de-  
 ue nunca della de desesperar. Mas hão de  
 cōsírar os principes, que poys sam funda-  
 mento da republica, conuem ter muyta  
 firmeza no pensamento, pera poderem  
 foster tão alto edificio. E hão se de entre-  
 gar totalmente á virtude, & viuer cõfor-  
 mes á ley Euangelica, & goardar inteysa  
 justiça, depenando as soberbas dos reuol-  
 tosos, & dãdo alas de fauor aos pacificos,  
 pera que ornados de bõa sciência, & de bõa  
 fama, & de bõas obras, alcancem nome  
 de perfeitos principes & prelados, & aca-  
 bada esta vida, que he transitoria, alcan-  
 cem a outra, que he eterna, onde a gloria  
 he sem termo, & o amor sem fim, q̄ ain-  
 da que passe o amor do mūdo, o de Deos  
 não passa, porq̄ começa aqui, & lá he mais  
 perfeyto, & cá o amor do mundo he sol-  
 d'antre nuuês, q̄ arde muito & dura pou-  
 co. E assi tenho mostrado não somente  
pelas

pelas letras diuinas mas humanas, qual he o officio do bom principe & prelado, & em quãmanho pe rigo viue, & as qualidades que ha de ter, pera ser dignamente electo, & comprir com sua obrigação, que he singularizar-se no resplêdor da virtude sobre todos, poys tem superioridade sobre todos, peragouernar como prudête & acutelado, o que elle deue ser pera não errar. Porque as bõas cautelas, caso que ás vezes ganhem pouco, todavia asseguram muyto.

## CAPITULO VI.

Em que o theologo declara que os principes ham de ser mansos, & humildes, & ímigos de nouidades.



O das estas qualidades, que o principe ha de ter, hão de ser adubadas cõ mansidão & humildade porq̃ a ira & soberba estragão as virtudes. E se isto conuẽ a todo o principe, quanto mais ao prelado ecclesiastico, que ha de imitar aquelle

## DA IVSTIÇA:

Matth. 20.

aquelle bõ pastor Christo nosso Deos, q̃ trouxe aos hombros a ouelha que se perdida, & que diz em S. Matheus: Quem quizer ser mayor antre vos, seja vossõ ministro, & o que quizer ser primeyro, seja vossõ seruo, assicomo o filho da virgem, q̃ não veo a ser seruido, mas seruir, & a dar sua vida em resgate por muytos. E daqui veo chamar-se o Papa seruo dos seruos de Deos, que a meu ver he o mays excellente dos titulos do mundo, cujo inuẽtor foy o glorioso Gregorio vigayro de Christo. Aos xxij. capitulos de Esaias, falãdo Deos do bom prelado diz: ( Dabo clauẽ domus David super humerun eius. ) Como se disse: Eu lhe darey poder na igreja, que he a casa do verdadeiro David, que he Christo. Mas he muyto de notar, que falando aqui Deos da chaue, q̃ dá ao prelado, não diz q̃ lha ha de por na cinta, mas no hombro. Que chaue he esta tão carregada, q̃ não pode andar dependurada no cinto p̃ hũa fita ou cordão, mas ha mister fortes

Efai. 22.

hombros

hombros pera a softerem? Que chaue he esta, q̄ faz agiolhar os homēs cō seu peso, senã a superioridade, & p̄lazia, & poder de fechar & desfechar? Tristes daq̄lles q̄ não querẽ esta chaue pera a trazer aos hombros, mas ao pescoço. Quero dizer, q̄ não querem prelazia pera servir & trabalhar, senão pera dominar & vaã gloriarse. Trazem na ao pescoço como couisa leue, & como joya pera que lha vejjão, & saybão q̄ sam prelados, & não ao hõbro como couisa pesada, & de muytos êcarregos & obrigações, não curão dos trabalhos, & officios, mas das rêdas & dignidades, às quaes elles não trazem mays merecimẽtos que desejalas & pretendelas, & isto he o com quem menos as merecem: da humildade ilentos, & da presumpção captiños, tão vazios de razões & confirações de sua miseria, como cheos de ambições & vaydades, em que a fantasia reparte seus pensamẽtos. Verdade he que hahi muitos prelados humildes, & excellentes, amadores da vir-  
tude

## DA IVSTIÇA.

tude & religião Christãã, que trazem as dignidades aos hombros, inclinados p humildade, & diligêtes na administração, & finalmête verdadeyros pastores, ca como diz S. Bernardo, o officio do prelado he ser sollicito, & tão altiuo. E dado que isto principalmente conuenha aos prelados ecclesiasticos, não cuydem os principes seculares, & todos os q̄ tem mando & dominio, q̄ sam escusos da obrigação da mãfidão & humildade, antes trabalhem por las adquirir & conseruar como cousas, q̄ lhe sam summamête necessarias. E se peruentura antes de terem as dignidades & carregos pubricos, estauão irados contra algũas pessas, tanto que se virem com dominio, lhe hão de pdoar. Trafibulo o Grego tanto que matou os tyrannos de Athenas, & ficou com o principado, vendo que auia hi muytos, q̄ o tinhamo offendido, fez hũa ordenação, que ninguem fosse castigado nê accusado de culpas passadas, por não ter occasião de vingar as que contra elle

Bernardo.

Trafibulo



DA TRIBULAÇÃO.

dádo naquella inuenção, & parecê come  
 de tam alto ingenho, q̃ o meu fica muito  
 aquê, de poder agora declarar o que en-  
 tam sentio: mas basta que colhi dalli, que  
 por mays atribulado que hum homem  
 fosse, se era virtuoso, logo era honrado,  
 & pelo cōtrayto se era vicioso, ainda que  
 estiuesse empinado no cume da gloria,  
 nam a tinha. E logo fóra desta porta per-  
 to destes dous templos tinham outros  
 dous, em cuja fabrica elles quiserão tam-  
 bem mostrar doutrina, & viueza de inge-  
 nho, hũ era o templo da sciência, & outro  
 da esperança: pera significarem que os sa-  
 bios nunca desesperão de remedio, antes  
 sempre em suas tormentas anda a esperã-  
 ça liada cõ a sciencia. No tempo que Ca-  
 sandro reynaua é Macedonia, subjugou  
 Athenas, & pos nella por visor Rey a De-  
 metrio Phalereu, discipulo que fora do  
 grande Theophrasto, o qual Demetrio a  
 gouernou com tãta justiça & prudencia,  
 & esforço de seu animo, q̃ lhe alcuantara

**Casandro.**

**Demetrio.**

obras

os

os Athenienses muitas statuas em final & memoria de suas excellentes obras. Mas fazêdo o mûdo suas mudâças, como foe, morreo o Casandro, & o Demetrio foy falsamête accusado de seu emulos, & tão perseguido, q̄ lhe foy necessario fugir de Athenas pera o Egypto. E tanto q̄ se foy, determinará seus aduersarios de lhe apagar o lume de sua memoria, & enterrar sua fama na sepultura do esquecimêto. E estando elle ausente soube como seus inimigos lhe tinham derribadas & espedaçadas todas as suas estatuas, o que elle mostrou que não sentia: antes quando lhe isto contarão, disse rindo: As estatuas me derribarão elles, & tornalashão em pó, mas as virtudes & claras obras, cujo premio he a verdadeyra honra, em cuja lembrança se fizerão essas estatuas, não poderão elles nunca derribar nem consumir. Grande sentença sem duuida, & digna de tal variação, que declara que não pode auer perseguição, nem injurias, nem contrastes, q̄ possão

DA TRIBVLAÇAM

possão desbaratar a hõra fundada na vir-  
tude, & que ainda q̃ tudo acabe, ella nun-  
ca acabará, porque o tempo dado que ga-  
ste tudo, o que se pode gastar com o vício,  
& vá inuentando outros de nouo, toda-  
uia a memoria das notaueys & honrosas  
obras está tão longe de a gastar, q̃ antes a  
goarda & conserua: donde veo Archime-  
des o Siracusano a chamarlhe inuentor  
das cousas nouas, & registro das antigas.  
Daqui vierão os poetas a chamar á fama  
filha da terra, & deusa da perpetuydade,  
porque anda sobre as cousas terreaes, &  
as faz perpetuas entregandoas á memo-  
ria immortal. Donde veo a dizer Euripi-  
des, que dado que a terra cobrisse os cor-  
pos dos varões heroicos, a fama, que an-  
daua sobr'ella, não deyxaua cobrir suas  
excellêtes obras, as quaes nem nas tribu-  
lações da vida se perdião, nem ainda de-  
poys da morte se achauão. E poys nas ad-  
uertidades, caso que caya a falsa honra, a  
verdadeyra não pode cayr, antes sobe ca-  
da

Archim.

Euripid.

da vez mays, pera que he temer o que tão pouco nos pode empecer, & tanto aprobeitar? As dignidades do mundo, as honras & magistrados hão se de merecer, mas não se hã de procurar: porq̃ taes hõras he mor hõra merecelas sem as ter, q̃ telas nã as merecendo. Tito Livio diz q̃ não ahi Tito Livio. mays excellente triumpho que não querer triumphar. Muytos subirão a honras, que a não tiuerão tanta, quando as alcançarão, como infamia, polos meos cõ que as adquirirão. Donde veo a dizer Plutarco Plutarc. Plutarco ã hũa epistola ao Emperador Traiano seu discipulo, que com razão se podia dizer Felice seu imperio, pois fizera obras pera o merecer, & não buscara maneyras pera o alcançar. A maldita serpente Genes. 3. persuadio a Eua que comesse do pomo defeso, & que teria tanta honra, que seria ella & Adão como deoses. O primeyro que tentou os homẽs com desejo desordenado de falsas honras foy a quelle demonio. E por isso se nos desta maneyra virmos

## DA TRIBVLAÇAM

tentados. auemos de entēder que as taes  
tentações sã afflouios da antigua serpēte.  
Verdade he que deuemos bulcar a verda  
deira honra, q̄ he a que cõsiste na virtude,  
& he hũ resplēdor inseparauel da hon  
stidade, a qual os sctõs & varões illustres  
sempre estimarã muyto, desprezando  
aquella honra, que consiste somente em  
opiniao & temeridade do pouo tão incõ  
stante, que não ha relogio de areia, q̄ mays  
voltas dé. De todas estas razões colho &  
concluo que não he esta vossa tribulaçã  
nenhũa eeshonra, nẽ caminho pera ella,  
& que não estaes bẽ na cõta, em dizer des  
que tendes dor por verdes ser esta vossa  
perseguição via p̄a vossa ppetua infamia.  
Antes digo & affirmo, q̄ se com paciencia  
& animo esforçado a sofrerdes, terá cami  
nho peravossa gleria. Prouoo. A tribula  
ção, como estã prouado, he caminho p̄a  
virtude, & a virtude he caminho p̄a a hõ  
ra, logo segue se que a tribulação he ca  
minho pera a honra. Tudo o que he ca  
mi

minho pera a virtude o he pera a honra, & a tribulação he caminho pera a virtude, logo he o pera a honra. Poys como he possiuel q̄ hū mesmo caminho vá parar na honra & na deshonna? São coufas, que senão compadecem. Antes como a virtude seja o em que consiste a honra, & o sofrimento na tribulação seja virtude, fica claro q̄ nelle cōsiste a honra. E assi tenho claramēte prouado, q̄ naquillo, em que cuydais q̄ cōsiste vossa infamia, cōsiste vofsa gloria, a q̄l então he mais excellēte, quando mays se merece, & menos se procura.

## CAPITULO VII.

Em que o amigo conta o que lhe aconteceu em Italia com hū ermitão, & quaes sam os verdadeyros amigos.



Om estas razões ficou o p̄so algūtãto desfaliuado, & disse. Muyto folgara, se ē mī cabe folgar, q̄ praticareis comigo muitas ve-

Cc ij

zes

## DA TRIBVLAÇAM

zes, porq̃ nunca ouço vossas palauras, q̃  
 nã tire proueyto & doutrina dellas, porq̃  
 sempre vão descobrindo cousas encuber-  
 tas a muitos, & dignas de se não encobri-  
 rem a ninguem. Digo isto porq̃ com a<sup>s</sup>  
 autoridades & razões, que alegastes, vou-  
 vendo que o fundamento da gloria he o  
 que vós dizeys differēte do q̃ eu cuydaui  
 porque vos dizeys que está em sofrer, &  
 eu punhao é folgar, vos na aduersidade,  
 & eu na prosperidade, vos na virtude,  
 & eu na openião : em fim q̃ segundo vou  
 entendendo, a verdadeyra gloria cõsiste  
 no desprezo da falsa gloria, que bem aslo-  
 mado consiste em deyxarmos o mundo  
 & seus enganos, & abraçarmos com  
 Christo nosso Deos, sofrendo por amor  
 delle todas as tribulações. Esta he, disse o  
 amigo, a verdade. Dous dias que aqui te-  
 mos de vida, pera que he se não darmola  
 aquem noladeu? Inda não vi homẽ, aque-  
 tanta enueja teuesse, como a hũ de Sici-  
 lia, que achei em Italia, tão esquecido da  
honra

iii

l.iii

honra do mudo, & foruido nas lembranças de Christo, que mays parecia diuino que humano. Em q̄ parte, disse o preso, achastes esse homẽ, & como viestes dar com elle? Eu volo contarey, disse o amigo, se vos não enfadardes. Antes, disse o preso, desejo muyto de o ouuir. Disse então o amigo. Embarcando eu em Barcelona cõ outros passajeyros, tanto nauegamos pelas duuidosas ondas do mar mediterraneo atrauessando o golfão de Lião, q̄ em poucos dias vimõs terra de Italia: & indo ferindo com os duros remos as salgadas agoas do pego Ligustico apár de Genoua, fomos topar com hũ nauio, de que eu soube taes nouas, que me foy necessario deyxar a companhia, o que eu fiz com affaz soydade. Saime logo no areal, & fuy me só per terra por certas causas necessarias, que eu não digo, porq̄ sam ellas lōgas de contar, & não vem agora a proposito: abasta q̄ me fuy eu p̄ terra. E era isto, onde eu sai ao pé das altas mōtanhas de Ge-



## DA TRIBVLAÇAM

noua, onde o mar tem feytas grãdes furnas: & com o tō das ondas, & o rugido do vento, q̄ se metia & retūbaua naquellas concauidades, juntamente cō o meueo das aruores, que per antre aquellas rochas auia grãdes, & em algūas partes tam espessas, que empidiam ao chão cō suas ramas a claridade do sol, fazia se hūa armonia tam concertada, que me acrescentou a soydade daquelles meus companheyros grandes meus amigos, que hiam na nao, que se alli de mim & nam sem lagrymas apartarão. Eu eralhe em estremo affeyçoado pola virtude, letras & ingenho, que nelles via, & elles tinham me a mesma affeyção por algūa opinião, que tinhã de minhas cousas, q̄ sendo peq̄nas, tinhão elles por grãdes, por q̄ as vião cō os oculos da affeiçã. E entrãdo eu p̄ antre hūs altos rochedos ao longo d'hūa ribeyra q̄ decia da ferra, fuy dar com hū lugar solitario, onde se fazia hū pequeno valle cuberto de tã diuerfas eruas & gracio

ciosas flores, q̃ me estiuerão arrebatando  
 os olhos, que vissem aquella fermosura.  
 De maneyra que me detiue hũ pouco, &  
 estiue contemplando aquella singular ta  
 peçaria, aquellas cores excellentes, aq̃lle  
 cheyro natural, aquelle marauilhofo ar  
 tificio da natureza, & a fermosura & di  
 uersidade das cousas, que a terra criaua. E  
 veome então á memoria aquelle dito do  
 antigo Ennio, q̃ chama á terra Minerua,

Ennio.

& o de Vergilio, que lhe chama Circe, & o

Vergilio

de Lucrecio, que lhe chama Dedala. E co

Lucre-

meçando eu a sobir pa ir ter ao caminho,  
 que hi pelo cume da montanha, donde  
 decia pera a outra parte, vi hũ pedaço de  
 casa p̃ antre hũs altos penedos, & deter  
 miney saber o q̃ era. Ca como estaua lon  
 ge não a podia diuisar. Mas cõ a soydade  
 que leuaua dos cõpanheyros, indo assi pa  
 a casa, olhaua muytas vezes pa o mar vi  
 rãdo os olhos pa onde os guiaua o amor.  
 E no proprio tempo em q̃ eu de todo al  
 cancey a casa de vista, a perderão de mĩ os

Sobre salto. A morte prendenos a todos,  
 & tomanos habito & tōsura. Se nos acha  
 em habito de verdadeyros Christão, val  
 nos a igreja, & liuramonos pelas ordēs da  
 misericordia: & senão somos entregues a  
 justiça secular do inferno. Mas a culpa di  
 sto não se ha de attribuir a morte, senão  
 a nos, que não fazemos nosso deuer, ea el  
 la faz o seu. Se Adam não peccara, não  
 morrera, porque S. Paulo diz que per hū  
 homē entrou o peccado, & pelo peccado  
 a morte. E por isso se chama ella morte de  
 morsu vocabulo latino, que quer dizer  
 bocado, porque polo bocado do pomo  
 defeso entrou ella. E nem he má, como  
 muytos dizem, nem tão medonha, como  
 a fazē. De mī te digo q̄ me não pesaria cō  
 ella. E nesta lōga idade, em q̄ meves, nesta  
 velhice castigadora dos etros da mocida  
 de, estou cōtente, porq̄ me parece q̄ vou ja  
 vêdo a terra, & q̄ cāsado da lōga nauega  
 ção da vida começo ja entrar pela barra  
 do porto da morte: nē queria por nenhū

Rom. 5.

Te iij pre

## DA LEMB. DA MORTE

preço tornar outra vez a empégarme nas duvidosas & tempestuosas ondas. Nem te pareça, que me dà pena, verme desemparrado das forças, & daquella disposição, que com figo traz a mocidade, antes dou graças a nosso Senhor, porque me liurou do poder de tão perigosos senhores, & me trouxe a conhecer nestes dias, q̄ os meus crão acabados. O reposteyro dhū principe arma a casa, & depouys de passada a festa torna a desfamar. Assi o tempo arma a mocidade de força, & gentitileza, & vizeza de sentidos, mas depouys vindo a velhice, elle mesmo torna a desfamar sua tapeçaria, & a tirar tudo, até que as paredes ficão nuas & despouoadas. E daqui vejo eu que minhas festas sam acabadas, & meus dias consumidos, poys o tempo, que he o reposteyro da natureza, me tem ja desfamada & tirada toda a tapeçaria de minha mocidade, & me tem dado o desengano de minha partida, a qual eu ja queria ver. E se me vem as lagrymas

aos

Compara-  
ção.

aos olhos, quando vejo morrer outros velhos de minha idade, que tenho por virtuosos & amadores das cousas de Deos, não he tão fomentepor ver quebrados os esteos & colunas da republica, mas tambem por os ver ir primeyro qu'eu, a receber a coroa da victoria. E em extremo fico consolado, quando os vejo receber a morte com contentamento, porque final he que lhe fara Deos merces, poys vão com alegria, onde os chama. Ca como queremos que nos de premio aquelle, em cuja presença apparecemos contra nossa vontade? E se todostem obrigação a terem prompta sua vontade á de Deos, quanto mays os velhos, que tem passado todo o verde de sua vida? Assim como as maçãs verdes se arrancão d'arvore com força, mas as maduras, ellas per si estão desejan-do de cair, bem assi os mancebos morrem trabalhosamente, como pomos, que estão no verde de sua idade: mas os velhos como maduros elles

Compara-  
ção.

Tt v      estão

## DA LEMB. DA MORTE

Compa-  
ração.

estão desejando de morrer, pera que fays-  
dos dos males temporaes, vam gozar dos  
beês eternos. E assi como os açores de  
Noruega voão com môr ligeyreza que  
os das outras terras, não por elles natu-  
ralmente serem mays ligeyros, mas por  
verem quam pouco espaço tem pola bre-  
uidade do dia, que alli não he mays que  
de tres horas, assi os velhos vendo quam  
pouco espaço tem de vida, deuem de dar  
obra á virtude com grande pressa, & voar  
altamente com grande velocidade, quã-  
do não poderem com obras corporaes, ao  
menos com as spirituaes, pera que a mor-  
te os ache apercebidos, & vão com grande  
alegria possuir a eterna bemaueiturança.  
E se Deo pela sua misericordia me lá le-  
uasse, antes quera q fosse hoje que á ma-  
nhã. O claro & desejado dia aquelle, em  
que os justos entrão na bemaueiturança  
recebidos & festejados dos sanctos, ad-  
mittidos ao banquete dos espiritos cele-  
stiaes! O bemaueiturada morte principio  
de

de tamanho bem! Esta he a de q̄ diz o real  
Propheta: Preciosa he em o cōspecto do  
Senhor a morte dos seus sanctos. O rece-  
bimento singular, ó festa sem nenhū arte-  
ceo de mudança! Quē fosse tão ditoso q̄  
viffe este dia! O glorioso dia aquelle, em q̄  
eu entrar na gloria, & naquellas bēauen-  
turadas moradas pera sempre, se o Señor  
Deos pola sua immensa piedade me esta  
merce quiser fazer, onde verey o mesmo  
Deos, aquella desejada gloria, aq̄lle sum-  
mo bē, fartura de meus desejos, onde con-  
uersarey cō os sanctos, & verey não sōmē-  
te os q̄ cá conheci, mas os de q̄ li, & ouui,  
& outros muitos. O alegria inextimavel,  
ó contentamento á quē do qual fica to-  
da a humana cōsiraçã! Mas não sey se me  
toiherão minhas desauēturas tãoanha  
bēauenturãça. Dayme Senhor lagrymas  
palauar meus males, q̄ me não priuē de  
tantos beēs. Vos meu Deos que days a-  
goa aos brutos animaes não a negueys  
a meus olhos, pera que afogado Pharaó

Psal. 115.

no

## DA LEMB. DA MORTE

no mar de minhas lagrymas, me veja li-  
ure do Egypto, & saya seguro do labyrin-  
tho do mundo, com o fio da vida pelas  
portas da morte, & va gozar do verda-  
deyro contétamento. Porque aqui que  
contentamento posso eu ter assentado  
sobre os rios de Babylonia, desfazendo  
meus olhos em lagrymas com lembranças  
de Sião, tendo dependurados os in-  
strumentos musicos de minha alegria nos  
esteriles & amargosos salgueyros do mû-  
do? Liurayme Senhor desta Babylonia,  
pera que foruido em vossas lembranças,  
& abraçado em vosso amor, parta pera a  
celestial cidade de Ierusalem, onde can-  
te com os sanctos as suaues musicas de  
Sião: Aleuanto a vós minha voz dizendo  
com o Propheta: (Educ de custodia ani-  
mam meam.) Tiray Senhor minha alma  
deste carcere, liuraia desta coua & prisão  
do mundo, leuayme deste desterro a essa  
patria, & deste miserauel vale a esse glo-  
rioso monte da visam diuina, onde goze  
de

Psal. 1, 6.

Psal. 141.



de vós na eterna bemaumenturança. Aqui acabou o bom velho de falar, & saiãolhe pelos olhos hūas raras lagrymas hūas a pos as outras, que fizeram ao filho derramar outras tantas. E assi esteueram hum pouco saluçando ambos, & soltando de tal maneyra os olhos ao choro, que o despejo das lagrymas, que alli ficou, podera ser bõa testemunha do sentimento & deuuação, que com aquellas deuotas & foidosas palauras teueram. E alimpandose o filho disse pera o pay: Muyto quisera Senhor que esteuerão aqui meus irmãos, pera se aproueytarem desta pratica, em que tratou altamente da morte. Isto, disse o pay, se me offereceo ao presente, que he bem pouco. em comparação do muyto, que se podera dizer. E não tenhas magoa de não estarem aqui teus irmão, q̄ eu por exercicio escreuerey tudo isto, pera que tu & elles o leays. E recolhiamonos pera casa, que ha muyto que o sol he recolhido, & que a terra está cuberta das trevas,  
que

DA LEMB. DA MORTE

que a escura noyte traz consigo. Reco-  
lhamos, disse o filho, poylo assi manda. E  
folgo muyto de não morrer tal pratica,  
como esta, & de a perpetuar entre-  
gandoa ás letras, porque a escri-  
ptura he a vida das  
palauras.



*Fim do dialogo da lembrança da morte.*





